

GILBERTO BLUME

Cristovão Tezza, 58 anos, é o convidado de hoje da Feira do Livro. O escritor nascido catarinense, criado paranaense e habitante de vários pontos do planeta chega ainda sob o impacto de *O Filho Eterno* (Record, 2007). O livro é fundamental tanto para a literatura produzida em língua portuguesa nos últimos anos quanto para qualquer tentativa que façamos para conhecer o escritor, o homem, o ensaísta, o cronista, o poeta Tezza.

Tezza estará às 18h no bate-papo A Criação Literária, com participação de José Clemente Pozenato, no Auditório. A seguir, a entrevista concedida por e-mail.

Pioneiro: Inspiradas na Feira do Livro de Porto Alegre, dezenas de cidades gaúchas promovem Feiras em praça pública. Como o senhor avalia esse formato de divulgação da leitura e de venda de livros?

Tezza: A Feira de Porto Alegre é um dos maiores acontecimentos culturais do Brasil, já com mais de meio século de história. O fato de as cidades promoverem Feiras semelhantes é maravilhoso para a divulgação do livro e da leitura. E o detalhe importante é que o comércio é apenas uma das faces da Feira – tão importante quanto a venda dos livros são os encontros e os debates com os escritores, aproximando autores e leitores.

Pioneiro: O sucesso de O Filho Eterno deu-lhe independência financeira para viver exclusivamente da literatura. Sua literatura sofreu algum impacto a partir dessa possibilidade de dedicação exclusiva?

Tezza: Na verdade, tenho vivido numa roda-viva literária já há três anos. Quero ver se paro no ano que vem para respirar um pouco e voltar a escrever com calma. De qualquer modo, nesse mês está saindo meu mais recente trabalho, o romance *Um Erro Emocional* – pena que não estará pronto a tempo para a Feira de Caxias. Acho que o sucesso de *O Filho Eterno* não me afetou como escritor. Afinal, já tenho mais de 40 anos de estrada. Minha ansiedade com o novo livro é a de sempre – apesar de meus mais de 10 romances publicados, um novo livro parece sempre que é o primeiro. Nunca sei o que leitor vai dizer.

Pioneiro: Blogs, microblogs, Twitter e outras ferramentas estão influenciando a literatura?

Tezza: Certamente deve haver uma influência, tanto como tema romanesco, pano de fundo (assim como o romance epistolar de outros tempos, já há romances em forma de blogs ou e-mails), quanto como linguagem. Mas nesse caso a influência é mais ampla; isto é, a linguagem da internet afeta em algum grau a linguagem corrente, em seus mais diversos usos, e não apenas na literatura. Mas achar que a internet por si só vai criar “uma nova literatura”, ou mudar radicalmente o conceito de literatura, é um breve delírio do momento. Literatura para mim são águas profundas e de lenta maturação – ela não tem de competir com a agilidade ou a cultura visual de hoje. Ao contrário, ela tem de reforçar o que lhe é mais específico e intransferível.

Pioneiro: A internet ajuda a difundir a leitura?

Tezza: Isso sim. A passagem da televisão para a internet foi um salto maravilhoso em direção da leitura. A TV, que dominou o Brasil durante 30 anos, é um meio puramente oral, é pura oralidade. A internet exige leitura e

escrita. Não há uma só página na internet sem alguma coisa escrita exigindo leitura. Isso, a longo prazo, terá um grande efeito na formação de leitores.

Pioneiro: O que o senhor está escrevendo?

Tezza: Organizo um livro de contos para o ano que vem. Mas só vou colocar a mão na massa a partir de janeiro. Esse ano sou um camêlo literário, um caixeiro viajante da literatura. Não está dando para escrever nada.

Pioneiro: O que o senhor está lendo?

Tezza: Muitas coisas, como sempre. Viagem é bom para leitura. Estou lendo *Romantismo – Uma Questão Alemã*, de Rudiger Safranski (Estação Liberdade) e comecei *Azul-corvo* (Rocco), romance de Adriana Lisboa que acabou de sair. E terminei *Cidade Livre* (Record), bom romance de João Almino sobre a fundação de Brasília.

Pioneiro: O senhor classifica O Filho Eterno como ficção, embora seu filho seja portador de Down. Até que ponto o escritor consegue se distanciar das próprias experiências e criar, ficcionar, imaginar uma história 100%, sem interferências do real?

Tezza: Começando do começo: é impossível escrever uma linha que seja “sem interferência do real”. O que muda é a perspectiva. A ficção é um “modo de ver”, não um índice de “invenção”. A ficção exige afastamento, mesmo que o tema seja autobiográfico. No meu caso, levei mais de 20 anos para me afastar de mim mesmo e tentar compreender quem era aquele pai dos anos 1980. A ficção me permitiu esse afastamento.

Pioneiro: Sua produção literária começou relativamente tarde. Que conselho dá para quem está criando mas ainda não está publicando?

Tezza: A produção começou cedo, nos meus 14, 15 anos, mas comecei a publicar tarde. Mesmo assim, acho que poderia ter esperado mais um pouco. Ainda hoje percorro sebos para comprar discretamente meus primeiros livros, *A Cidade Inventada* (contos) e *O Terrorista Lírico* (romance) e tirá-los de circulação... Conselho? Não sei, os tempos mudaram. Mas diria que quem escreve deve controlar a ansiedade e esperar para publicar. A internet dá um baita espaço para o iniciante se exercitar, sentir a ressonância do que escreve, antes de se aventurar no livro. É uma oportunidade que não havia há 40 anos.

Pioneiro: O país está em pleno segundo turno eleitoral e, mais uma vez, os candidatos prometem revolucionar a educação. O que falta à educação no Brasil?

Tezza: Tenho a impressão de que falta substancialmente um projeto de educação básica, um projeto de ensino médio e um projeto de ensino superior. Tenho a sensação de que, há muitos anos, está tudo no automático, e nada sai de fato do lugar. O ensino brasileiro é em geral muito ruim, e na média está muito aquém do que se deveria esperar de uma economia poderosa como a brasileira.

Pioneiro: O que o senhor espera de Caxias?

Tezza: O que sempre venho encontrando nas minhas viagens ao RS, participando de Feiras e encontros culturais: um público leitor sempre muito atento e generoso com os autores. E quero também conhecer um pouco da cidade – nunca estive em Caxias.

Pioneiro: O que Caxias pode esperar do senhor?

Tezza: Um escritor disposto a falar sobre literatura.